



NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

tália

OS COMUNISTAS DEVEM PARTICIPAR NA FORMAÇÃO DO PRÓXIMO GOVERNO

ROMA (TASS e AFP) — «A época dos governos baseados no princípio da exclusão dos comunistas, terminou», declarou a noite passada Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista Italiano, comentando os primeiros resultados eleitorais.

Segundo os resultados provisórios tornados públicos ontem à noite, a Democracia Cristã obteve 39,5 por cento dos votos, o PCI 34,4 por cento e o Partido Socialista 9,6 por cento. Os dois grandes Partidos, a DC e o PC, aumentaram a percentagem, em relação às eleições gerais de 1972.

(Ver página 8)

I ENCONTRO DE COMISSÁRIOS POLÍTICOS DAS FARP

“A LUTA TAMBÉM EXISTE NO NOSSO MEIO”

«A luta também existe no nosso seio, a nós ninguém pode destruir, só nós mesmos», salientou o camarada Presidente Luiz Cabral, falando às Forças Armadas, durante a cerimónia de encerramento do I Encontro Nacional dos Comissários Políticos das FARP, realizado anteontem, sábado, na base aérea de Bissalanca, em Bissau.

«A luta vai continuar, na nossa terra, e temos de estar vigilantes contra os indivíduos que querem prosseguir a exploração que os colonialistas faziam. Como o camarada Cabral dizia no Seminário de Quadros, a exploração não tem cor, quer seja feita por branco ou preto, é exploração», lembrou o camarada Presidente, numa intervenção de mais de uma hora, aos combatentes das FARP, em que exortou ao combate contra toda a espécie de desvios à linha do Partido, no nosso seio, e à vigilância contra os inimigos internos que «até agora estiveram para-

dos com medo», mas que pensam ser este o momento propício «para atacar o nosso Partido». O Presidente sublinhou que «os comissários políticos das FARP têm que estar alerta contra qualquer acção destinada a minar a nossa unidade, a nossa maior força», afirmando que as nossas FARP, «a força com que o nosso Partido libertou a terra», serão agora «a força para levarmos a nossa Revolução para a frente».

À cerimónia do encerramento do I Encontro Nacional de Comissários Políticos, além do Presidente Luiz Cabral, assistiram

os camaradas Nino Vieira, do Secretariado Permanente do CEL e comissário das Forças Armadas, e Úmaro Djaló, Honório Chantre, Julinho de Carvalho e Bobo Keita, todos da direcção do Partido e do Estado Maior das FARP.

Abriu a sessão o camarada Julinho de Carvalho, Comissário Político Nacional das FARP, que fez um balanço das actividades do Encontro, exortando cada membro das nossas gloriosas Forças Armadas a ser um militante de vanguarda, um modelo de virtudes, e explicando as diferenças das tarefas da actual fase e da anterior, a luta armada de libertação nacional.

Falando seguidamente, o camarada Nino Vieira, comissário das Forças Armadas, denunciou as manobras da reacção interna, tendentes a dividir o nosso povo, salientando como exemplo os boatos, facto que deve levar a «cerrarmos fileiras, a fim de esmagarmos os sujeitos oportunistas que querem provocar a nossa desunião e reconquistar os privilégios usufruídos durante a guerra colonial».

FARP QUE COMBATERAM AO LADO DAS FAPLA REGRESSARAM ONTEM DE ANGOLA

Regressaram ontem, ao princípio da noite, a Bissau, os primeiros combatentes das nossas gloriosas F.A.R.P. que combateram em Angola, ao lado das FAPLA, contra os inimigos do MPLA e da RPA.

Aguardavam este contingente, que faz parte do «Comando Abel Djassi», o camarada Nino Vieira, membro do secretariado permanente do C.E.L. do PAIGC e comissário das Forças Armadas, e diversos membros do Estado Maior das F.A.R.P., além de membros do Governo.

Ontem à noite, o comissariado de Estado das Forças Armadas distribuiu o seguinte comunicado:

COMUNICADO

«Regressou, hoje, de Luanda, capital da República Popular de Angola, o primeiro contingente de combatentes das nossas gloriosas Forças Armadas Revolucionárias do Povo (F.A.R.P.) que, a pedido da Direcção Superior do Movimento Popular de Libertação de Angola e do Governo da República Popular de Angola e por decisão da Direcção Supe-

(Continua na pág.º 6)

GUINÉ-BISSAU-PORTUGAL

Espírito de cordialidade e franqueza dominam as negociações de Lisboa

LISBOA (ANOP) — «Tinha-se criado um impasse nas relações entre Portugal e a Guiné-Bissau, mas havia uma grande vontade política dos dois países em ultrapassar as dificuldades» — sublinhou, a propósito dos acordos que serão hoje assinados, Vasco Cabral, comissário do Desenvolvimento e Planifica-

ção Económica da Guiné-Bissau, em conferência de imprensa realizada na tarde do passado domingo, em Lisboa.

Vasco Cabral considerou ainda que esta fase das negociações entre as duas nações, que se iniciaram no passado sábado, liquidaram definitivamente o contencioso colonial e abriram perspectivas para uma nova cooperação.

Relativamente ao congelamento das reservas da Guiné-Bissau no Banco de Portugal decretada pelo Governo português, aquan-

do da decisão do Governo guineense de emitir moeda própria, Vasco Cabral mostrou-se confiante, que após a assinatura dos acordos, a situação «naturalmente» se modifique. A propósito daquela medida do Governo, acrescentou que os dirigentes da Guiné-Bissau ficaram surpreendidos com ela, porque «nem os Estados Unidos a tomaram em relação a Cuba», tendo classificado o caso de «incidente de percurso».

(Continua na pág.º 6)

O BRASIL VAI COOPERAR COM O NOSSO PAÍS

O Presidente Luiz Cabral recebeu ontem à tarde a delegação técnica brasileira que, durante alguns dias, participou no nosso país em conversações so-

bre cooperação entre a Guiné-Bissau e o Brasil.

A missão brasileira, que é dirigida pelo embaixador Ipalo Zappa, segue hoje para a República irmã de Cabo Verde, depois de ter sido assinado, em cerimónia realizada na tarde de ontem, no comissariado dos Negócios Estrangeiros, um «memorandum de entendimento», documento final das conversações guineenses-brasileiras travadas de 15 a 21.

Além do Presidente Luiz Cabral, o Comissário Principal, Francisco Mendes, o comissário dos Negócios Estrangeiros, Victor Saúde Maria, o comissário Sem Pasta, José Araújo, e ainda os comissários da Justiça, dos Correios e Telecomunicações, da Agricultura e Pecuária, da Infor-

(Continua na pág.º 6)

OS RACISTAS MATAM NA ÁFRICA DO SUL

NOVOS DISTÚRBIOS SANGRENTOS EM JOANESBURGO E PRETÓRIA

JOANESBURGO (ANOP) — Renovaram-se ontem os distúrbios em diversas localidades próximas de Joanesburgo, quando crianças e adultos negros apedrejaram e incendiaram autocarros e edifícios, informou a polícia. O coronel Erxleben, chefe da

polícia da zona norte de Pretória, indicou que seriam enviados reforços policiais para Hamman-saal, Hebron, Mapobane e Attridgeville, e acrescentou que os brancos estavam a ser evacuados de Mamelodi, onde foram incendiadas 3 escolas. Este novo

surto de violência segue-se a um fim de semana calmo, após os distúrbios da passada semana em Soweto e outras localidades vizinhas de Joanesburgo que causaram 128 mortos e 1112 feridos — segundo informou, ontem, o comissário da Polícia, Gert Prinsloo. (Ver notícia na pág. 7).

O NOSSO GOVERNO CONDENA OS MASSACRES DE SOWETO

(CENTRAIS)

LUANDA TERMINOU O JULGAMENTO DOS MERCENÁRIOS

(CENTRAIS)

Hoje à tarde já há açúcar

A partir de hoje à tarde, haverá açúcar à venda nas lojas de Bissau, segundo informações colhidas pela nossa reportagem, junto da direcção dos Armazéns do Povo.

Na verdade, foi descarregado nos últimos dias um barco que transportou até à nossa capital 500 toneladas de açúcar, encontrando-se outro, na ponte cais, para descarga, com 350 toneladas. No próximo dia 29, é aguardado um terceiro navio, com mais mil toneladas de açúcar. O total desta quantia agora recebida e a receber nos próximos dias, representa o consumo do País inteiro para, aproximadamente, um ano.

Portanto, leitores amigos, a partir desta tarde, se não houver nenhum contratempo, poderão ter regularmente cuscus, bolos, café, leite, com açúcar, como habitualmente.

Fábrica de gelo Império

O patrão fugiu para Portugal e os trabalhadores ocuparam as instalações

Os 14 trabalhadores da fábrica de gelo e refrigerantes Império Lda. encontram-se em risco de ficar desempregados e sem in-

Força Aérea Portuguesa, depois de passar à disponibilidade trabalharam juntamente com o sogro, Espada, e mais tarde na antiga

No dia 24 de Março deste ano as máquinas de fabrico de gelo avariaram-se e, com a falta de açúcar, a fábrica ficou totalmente paralisada.

No dia 25 de Maio o patrão despediu-se dos trabalhadores, dizendo que ia buscar dinheiro a Bafatá. Aqui, disse que ia arranjar gás para as máquinas de gelo em Ingoré, de onde clandestinamente atravessou a fronteira para a República do Senegal, seguindo depois para Portugal. Já anteriormente o José Manuel tinha tentado sair do território nacional, mas foi impedido no aeroporto pela Segurança, porque tinha uma queixa no tribunal, apresentada pelos antigos proprietários da fábrica, pois há 10 meses que não paga a renda da fábrica. Há dois meses que também não paga aos trabalhadores, além de ter outras dívidas particulares.

Os trabalhadores estão prontos a assumir a gestão da fábrica pois têm tudo preparado para as máquinas começarem a funcionar. Mas não sabem o que daí advém, e interrogam-se a si mesmos sobre os seus destinos. Entretanto, mantêm a fábrica ocupada.

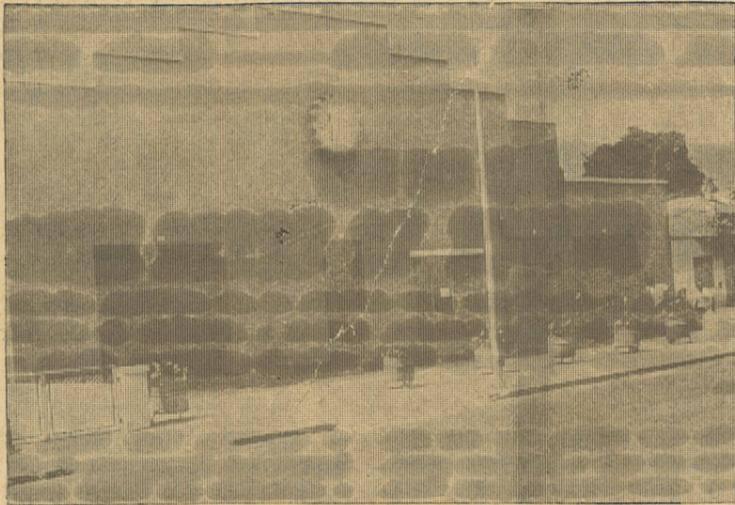
Segundo nos informaram os trabalhadores, escreveram uma carta aos antigos proprietários a pedir-lhes uma indemnização, a que estes responderam com insultos, dizendo que aqueles não tem nenhuma indemnização, a não ser do novo patrão.

Um dos trabalhadores adiantou que «se isto fechar, não temos para onde ir trabalhar nesta altura do ano, e é certo que seremos lançados no caos e na miséria».

Bacar Sambu, um dos trabalhadores mais antigos da fábrica, afirmou à nossa reportagem:

«Trabalho aqui há cerca de 27 anos. Entrei com um miserável vencimento de 5 pesos por dia, depois subi para 7,5, mais tarde para 15 e ultimamente ganhava 43 pesos. Pergunto se isto é dinheiro que se paga a uma pessoa, que sacrificou aqui toda a sua vida, tendo adquirido várias doenças, que mais dia menos dia o deixará paralizado, se não à morte. Já não posso andar muito. Comecei a sentir dores em certas zonas do corpo. Sou chefe de uma numerosa família e não tenho pensão de sobrevivência. Quantos brancos trabalharam aqui nesta fábrica depois de mim e mais tarde transformaram-se em patrões. Trabalhei como escravo e morrerei como escravo», num desabafo que traduz bem toda a tragédia.

A fábrica possui duas máquinas de fazer gelo, uma de 60 barras e outra de 180 barras, pesando cada uma 15 quilos. É esta fábrica que fornece gelo aos pescadores «nhominca».



demnização, devido à fuga do patrão, para Portugal.

José Manuel Teixeira, que chegou à nossa terra, integrado nas fileiras de pára-quedistas da

Casa Gouveia. Após o 25 de Abril, alugou a fábrica de gelo da firma Império Lda., de Abreu e Rendeiro, por 30 contos mensais.

RESPONDE O POVO

Como encara o massacre de Soweto?

A violenta repressão, pelas autoridades racistas sul-africanas, aos estudantes e operários manifestantes na passada semana em Soweto, contra o regime do «apartheid», foi mais uma página negra dos crimes perpetrados pelo ilegal regime do Vorster, que, como há 16 anos em Sharpeville, deixou uma profunda mágoa nos corações dos africanos e do mundo progressista.

Esse facto cruel contra os anseios dos nossos irmãos, que provocou 100 mortos e mais de mil feridos, está a ser alvo da crítica e condenação da opinião pública mundial.

O que é que as pessoas, entre nós, pensam sobre isso?

«Quanto a esse crime, sou da opinião que todo o mundo progressista deve condenar severamente o regime da minoria branca que está na África do Sul, pois está contra a política actual dos povos, em que cada um deve ser livre e feliz onde quer que viva». Esta foi a resposta de um nosso inquirido, Ildo Gomes, professor em Encheia que, ao referir a posição do movimento em luta naquele país (A.N.C.), sublinhou que «sempre, quando um povo começa a lutar, começa a lutar para crescer. Portanto, esse movimento que defende os interesses do povo sul-africano deve ser ajudado por outros países tanto política, humana assim como militarmente».

Para o camarada Armando Félix Diouf, funcionário público, «o imperialismo é uma força muito perigosa e má».

A África do Sul é um ponto estratégico que os imperialistas querem utilizar como ponta de lança para impedirem a libertação do povo africano e continuarem a explorar sob todas as formas».

Mas como enfrentar esta situação que também nos diz respeito? Diouf adverte que «a única solução viável é que todos os países amantes da paz se reúnam e concedam ajudas necessárias para a eliminação do governo desprezado dos racistas. Nós, por exemplo, temos o dever de participar nesse problema», diz.

Resposta com ideias idênticas foi dada pelo professor em Biombo Pedro Nunes Barai, que condenou o «acto brutal» dos racistas da África do Sul apoiados pela política do «apartheid» e pronun-

ciou-se pela necessidade que aquele povo sente neste momento de um auxílio da parte de todos nós.

António Eduardo Vieira, estudante, foi também um dos nossos entrevistados na rua que, após ter lamentado o derramamento de sangue de tal modo, «facto que nós, estudantes, sentimos profundamente por esses nossos irmãos estudantes que lutam pelos direitos do seu povo», indicou que, da mesma maneira que nós lutamos pelo progresso, assim como o povo da África do Sul já começou, a juventude da nossa terra deve organizar-se, como da última vez com o povo angolano, e promover com manifestações ou reuniões de esclarecimento. Uma semana de solidariedade para os nossos companheiros de luta dominados e maltratados pelos racistas naquele país.



Orgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo Trisemanário Nacional de Informação.

Sai às Terças, Quintas e Sábados.

Preço: 2,50

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400,00

6 meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

1 ano 500,00

6 meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA» — Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» — Rua António N' Bana, telefone 2520.

AMANHÃ — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG_B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas:

NOTICIÁRIOS:

A 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas — «O HOMEM ANFÍBIO» — m/10 anos e às 20,45 horas — «AMOR DE MÃE» — m/14 anos.

AMANHÃ — As 20,45 horas — «AMOR DE MÃE» — m/14 anos.

CABO VERDE

JOAQUIM SILVA NO MAPUTO

"A C.O.N.C.P. é um campo de experiência"

Recentemente nomeado para o cargo de embaixador de Cabo Verde em Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o camarada Joaquim Silva, membro do Conselho Superior da Luta do PAIGC, concedeu uma entrevista à revista moçambicana «Tempo», em que descreve a actual situação tanto na Guiné-Bissau como no País irmão e foca vários pontos da actualidade africana, nomeadamente relacionados com a CONCP.

Dada a oportunidade desta entrevista, transcrevemos parte das declarações prestadas pelo camarada Joaquim Silva à revista «Tempo».

Respondendo a uma pergunta do jornalista, o camarada embaixador, depois de referir o tipo de relações de produções existentes na Guiné e em Cabo Verde durante o colonialismo, referiu-se a estratégia de desenvolvimento económico definido pelo PAIGC para cada um dos países irmãos, dizendo:

«O PAIGC, como guia dos povos da Guiné e Cabo Verde, quer antes de mais o desenvolvimento das forças produtivas e a eliminação de todas as relações injustas e da sujeição do homem a interesses degradantes. Algumas propriedades dos abstencionistas quase todos residentes em Portugal e que se limitavam ao embolso do produto do trabalho dos rendeiros foram imediatamente colocadas sob tutela do Governo. Uma ou outra grande plantação foi nacionalizada e transformada em propriedade estatal. Em relação às propriedades privadas agrícolas, com a natural prudência que determinam transformações no sector rural, incentiva-se a criação de um vasto movimento cooperativo com associação de pequenas propriedades e associações de rendeiros.

As importações dos géneros de primeira necessidade passaram a ser exclusivamente feitas pelo Estado através de Armazéns do Povo na Guiné e do EMPA em Cabo Verde, e as importações de produtos não essenciais sujeitam-se a licença prévia que contingentemente são aprovadas com taxas e impostos que recaem sobre esses mesmos produtos de forma a garantir o equilíbrio da balança financeira».

AJUDA EXTERNA

A pergunta seguinte incidiu sobre a ajuda recebida pelo PAIGC dos países socialistas e dos países do Ocidente e sobre os sectores da economia que beneficiam dessa ajuda, nesta fase de reconstrução nacional. Disse o camarada Joaquim Silva:

«O PAIGC, fiel à sua linha

Auxílio soviético para a Cruz Vermelha

MOSCOVO (TASS) — O comité executivo da Cruz Vermelha Soviética decidiu auxiliar a jovem república africana de Cabo Verde a organizar de saúde pública. Assim, medicamentos e material diverso serão enviados, a título gratuito à Cruz Vermelha caboverdiana.

política externa de não-alinhamento, procura estabelecer relações de cooperação com todos os países na base da reciprocidade de vantagens e de respeito da soberania nacional e internacional dos Estados por ele inspirados e não ingerência nos assuntos internos.

Recebemos auxílio dos países nossos aliados naturais, os países socialistas, como recebemos durante a Luta Armada. Recebemos ajuda de determinados governos ocidentais e de organizações progressistas destes países, e ainda de organismos especializados da ONU como a PAM, PNUD e UNICEF.

Finalmente, e como era de esperar, recebemos ajuda de países do dito Terceiro Mundo. Essas ajudas estão sujeitas à palavra de ordem «Ajuda para dispensar ajuda» e consequentemente são canalizadas para a criação de infraestruturas de desenvolvimento e sectores de maior produtividade. A título de exemplo, cito o financiamento nos organismos especializados de construção de pequenas barragens hidráulicas, correcções torrenciais, instalação de indústrias, como é o caso do cimento na Ilha de Maio, cujo investimento é de certa envergadura dentro do nosso contexto específico; reparação de equipamento de pontes, etc.»

C.O.N.C.P.

Referindo-se à importância da CONCP no seio da OUA para o desenvolvimento das zonas libertadas de África, o embaixador de Cabo Verde em Moçambique disse:

«A CONCP é uma frente comum dos Movimentos de Libertação e Partidos de Libertação das antigas colónias portuguesas, nascida em 1961. «É uma organização de cooperação, de solidariedade mútua e de coordenação ao serviço da luta contra o opressor comum»: assim diria Cabral na 2.ª Conferência da CONCP em 1965, realizada em Dar-Es-Salam. Ora, se se considerar que qualquer dos movimentos e Partidos de libertação prosseguem a unidade africana, facilmente se compreende o papel de uma CONCP reestruturada e adaptada a uma realidade criada pela ascensão das ex-colónias portuguesas a Estados independentes. Aliás, a recente Cimeira da OUA não deixou dúvidas quanto ao papel que os membros da CONCP desempenham e continuam dispostos a desempenhar a todos os níveis, pela defesa intransigente do direito sagrado e não negociável que o povo angolano, liderado

pelo seu único legítimo representante, o MPLA, tinha em traçar a sua história com as próprias mãos, ou seja, a sua independência. A importância da CONCP, além do apoio que os seus membros dispensam a todos os autênticos movimentos e Partidos dos países ainda sobre dominação colonial e racista, oferece a vantagem de possibilitar um largo campo de estudo e experiência das zonas libertadas criadas pela FRELIMO, o PAIGC e o MPLA durante a gloriosa luta armada de libertação nacional. Creio, no entanto, que dependerá essencialmente dos respectivos movimentos a utilização dessa ajuda».

O 3.º CONGRESSO

A pergunta final referia-se à próxima realização do 3.º Congresso do PAIGC. Que novo tipo de relações vai ele criar para o PAIGC, nas soluções guineense e caboverdiana?

«Quanto à realização do 3.º Congresso — disse o camarada Joaquim Silva — está prevista a sua realização por todo este ano. Como sabe, os partidos traçam a sua estratégia e tática em função das tarefas primordiais ou essenciais a cumprir em cada momento histórico concreto. Ora, é natural que a ascensão de Cabo Verde e Guiné em função da nova realidade criada determinasse um Congresso do nosso Partido vanguarda para estudo e definição das necessidades fundamentais e das tarefas prioritárias a cumprir.

Maravilhas da Flórida na Praia e S.Vicente

PRAIA — Vinda de Bissau, é aguardada hoje na cidade da Praia a orquestra cubana «Maravilhas da Flórida», que virá actuar na capital e em S. Vicente, durante uma semana. Acompanha o agrupamento musical cubano o adido cultural da embaixada de Cuba na Guiné-Bissau, camarada Aldo Morales.

No país irmão, as «Maravilhas da Flórida», actuaram, com grande êxito, em diversos espectáculos públicos, tendo dado concertos para as FARP e para os alunos do jardim-escola Titina Silá, em Bissalanca.

As «Maravilhas da Flórida», que depois de Cabo Verde regressam directamente a Cuba, estiveram a efectuar, durante os últimos três meses, uma digressão artística por diversos países africanos.



Amílcar Cabral

NÓS E A ÁFRICA

«Mas nós dissemos claro, a nossa posição é sempre clara, a nossa luta é política, nós queremos é a nossa independência, a independência do nosso povo na Guiné e Cabo Verde. Em qualquer altura que o Governo de Portugal, seja Salazar ou Marcelo Caetano, D. Carlos ou D. Manuel, homem ou mulher, tomar a decisão, levado pela nossa luta, de reconhecer que nós temos direito à nossa independência, e quiserem sentar-se para conversarmos e discutirmos, nós estamos prontos a discutir, estamos prontos a entender-nos com eles, para tomarmos o nosso destino nas nossas mãos. Não para aldrabices, para malandrices ou para nos virem enganar, porque já não estamos mais para isso, na nossa luta. Esta é que é a nossa posição em relação ao Governo de Portugal.

No quadro geral das colónias portuguesas, no quadro geral da luta contra o imperialismo, a nossa posição é clara. Em África, nós não queremos que a África continue a ser dominada pelos estrangeiros. Não queremos que a dominação do Estado português na nossa terra, seja substituída pela dominação de outro Estado que venha explorar a nossa terra também, seja ele francês, inglês, americano ou de qualquer outra nacionalidade. E temos pena, se algum povo da África conquista a sua independência e que isso seja falso, se ainda estiver dominado por estrangeiros. Isto faz-nos chegar a um problema importante no plano internacional, na nossa luta, que é, nós e a África.

A África, é difícil explicar bem o que é a África. É um continente grande, maciço, fechado. Se repararem bem, notam que, se compararmos a África com a Europa, vemos que a África não tem reentrância, é um continente fechado, não tem muitos braços de mar para entrar. A África é um continente fechado e isso explica muito da vida de África, até hoje. Claro que na nossa terra, por exemplo, há muitas entradazinhas, mas é raro. A África em geral é fechada.

Mas há mais, a África, em certas partes, logo que se deixa o mar para entrar em terra, depara-se com uma cadeia de montanhas, sempre montanhas. Na nossa terra não há montanhas logo a seguir, mas há mais atrás, o Futa-Djalon. Tudo montanhas. E do lado oriental é a mesma coisa, há o Kilimandjaro, o monte Kénia, etc., de maneira que as pessoas têm dificuldades em entrar em África. A África é um continente fechado, com uma barreira de montes, às vezes a 100 kms. da costa, a 50 kms., a 200 kms. Em África, logo encostada ao mar, a costa levanta um bocado, depois há uma planura que pode ter 50, 100, 200 kms. no máximo, mais ou menos. Logo a seguir começa a subir, vejam Kindia, por exemplo, vejam o Boé, começa logo a subir, na nossa terra. Por exemplo, os Dembos, em Angola —, os camaradas não conhecem Angola, mas sobe, sobe, sobe, mais montanhas. Depois há o planalto, alto mas plano, que parece que não tem montanhas e depois começa a descer outra vez, até ao mar.

Isto é o corte da África, um continente barrado. O litoral é barrado, e as pessoas que vivem na planície não têm contacto com os que vivem na montanha. As trocas, os movimentos de gente, não são muitos. Isso pode explicar muitas coisas. Por exemplo, como é que foi possível na África Oriental desenvolver uma civilização elevada, como a civilização de Melinde e que logo a seguir, para dentro, há gente que ainda até hoje, vive em tangas? Ainda por cima, além das barragens, mesmo no litoral, por exemplo, dum lado é limpo, mas do outro já há um mato grosso, fechado, de tal maneira que as pessoas vivem lá dentro, séculos, sem terem contacto com o outro lado».

ANGOLA: TERMINOU O JULGAMENTO DOS MERCENÁRIOS

A SENTENÇA SERÁ ANUNCIADA ESTA SEMANA

LUANDA (AFP) — Na capital de Angola, que viveu durante 9 dias ao ritmo do processo dos 13 mercenários, julgados por um Tribunal Revolucionário Popular, a tensão baixou subitamente.

O processo terminou no sábado de manhã, e os cinco juizes que constituem o Tribunal entregam-se a uma longa reflexão antes de tornar pública a sua sentença, que não será conhecida antes do meio desta semana, disse Teixeira da Silva, juiz presidente.

Os juizes vão assim examinar,

durante os próximos dias, o caso de cada um dos acusados que acabaram de comparecer perante eles.

Como vão aparecer estes acusados depois dos interrogatórios, as testemunhas, o requisito do procurador popular e as alegações dos advogados.

Nas suas próprias declarações, durante o seu interrogatório pelo Tribunal, a maior parte destes homens sabiam que se tinham alistado como mercenários. Todavia, muitos não queriam ir, como disseram, para Angola. Pensavam antes ficar no Zaire como instru-

tores das tropas da FNLA. Todos, salvo um, reconheceram terem se alistado por nostalgia da sua profissão de soldado. Todos saíram de meios pobres, todos se defrontavam, na altura do seu alistamento, com dificuldades financeiras ou familiares. Para as testemunhas ouvidas, estes homens semeavam o terror nas localidades que controlavam no norte de Angola. Alguns, nomeadamente Callan e Mckenzie teriam participado em massacres a civis. Para o procurador popular, os 13 homens são igualmente responsáveis e não pode haver graduação

na pena a infligir-lhes: a morte para todos.

No entanto para os advogados, as sociedades são mais condenáveis e criticáveis que os acusados. Eles, além disso, não podem ser julgados pelo crime de mercenariado que não pertence à legislação internacional. Devem ser considerados como soldados, prisioneiros de guerra.

Resta aos juizes dar a sua sentença.

O estatuto de prisioneiros de guerra e a aplicação das disposições da Convenção de Genebra, foram reclamadas perante o Tribunal de Luanda por Robert Cessner, advogado americano, para os seus clientes, Daniel Francis Gearhart e Gary Martin Acker.

Numa longa argumentação jurídica, Robert Cessner defendeu que, para se pedir a pena de morte contra os acusados julgados em Luanda, o procurador popular se referia ao código de disciplina militar angolano.

Considerou que os seus clientes deviam, pois, ser considerados como prisioneiros de guerra e beneficiar a esse título das disposições da Convenção de Genebra.

Robert Cessner rejeitou igualmente a acusação de «crime contra a paz» existida contra os seus clientes, em referência ao Tribunal de Nuremberga. afirmou ainda que os julgamentos do Tribunal Internacional de Nuremberga só aplicavam a acusados que assumiam responsabilidades superiores.

Por fim, o advogado americano considerou que o julgamento que seria apresentado pelo Tribunal Revolucionário Popular de Luanda iria constituir uma das bases da história do direito angolano. «A história do direito angolano, disse, não pode ser baseado na emoção ou publicidade, mas no respeito do direito».

No início da audiência, o Tribunal tinha ouvido as alegações dos advogados angolanos oficiando a defesa de oito acusados. Os defensores angolanos empenharam-se principalmente em sublinhar a responsabilidade das sociedades ocidentais, donde saíram os seus clientes.

Maria Teresinha, que assegurou a defesa de Callan, e que entregou a sorte do acusado «às mãos do Tribunal», considerou que aquele odiava a Grã-Bretanha, na medida em que sendo imigrado (Callan é

(Continua na página 8)

QUEM SÃO OS MERCENÁRIOS

Costa Georgiou, de 25 anos, britânico, de origem grega, dito «Coronel Callan» aceita o conjunto dos actos que lhe são imputados. Declarou igualmente que era responsável pelos actos dos seus co-acusados. Declarou-se «pronto a morrer». Mas Costa Georgiou, «o coronel Callan», parece também ser um desequilibrado. Reconhece ser responsável pela morte de 14 mercenários, de um civil angolano e de um militar das Forças Armadas (FAPLA), mas não deixa de repetir, num discurso incoerente «que não é um criminoso». Para o seu advogado, Maria Teresinha, Callan não é «o chefe» que pretende ser. Não é mais que um pobre fragmento, vítima da sociedade britânica.

Andrew Gordon Mckenzie, de 25 anos britânico. Mckenzie foi já duramente punido. Foi-lhe amputada uma perna. A audiência, aliás, não revelou em que circunstâncias tinha perdido a sua perna direita. Reconhece ter participado, sob ordem de Callan, na execução de 13 mercenários, após o que Callan abateu, ele próprio, um. Foi acusado, pelas testemunhas, de ter participado na execução de civis. Recusou essas acusações observando que na altura desses factos não estava ainda em Angola. Reconhece ter ido pa-

ra Angola com conhecimento de causa, mas afirma que pensava ser «um soldado de profissão ao serviço de um exército regular, a FNLA».

Daniel Francis Gearhart, 34 anos mercenário, declara «ter vindo combater o comunismo», também ele considerava-se um soldado de profissão ao serviço de um exército regular pensava ser instrutor do exército da FNLA, mas afirma jamais ter morto alguém.

John Derek Baker, de 35 anos britânico. Também sabia ir para Angola, mas como instrutor. Considerava-se igualmente como «um soldado de profissão». Declara não ter morto ninguém nem civil nem militar das FAPLA.

Gustavo Marcello, 27 anos americano de origem argentina, reconheceu ter ido como mercenário, por atração ao dinheiro, mas afirma não ter cometido nenhum dos actos que o acusam, tendo sido feito prisioneiro três dias depois da sua chegada ao território angolano.

Gary Martin Acker, 21 anos americano, foi igualmente por dinheiro. Afirma não ter morto ninguém, nem civil nem militar. O seu advogado pediu para ele um exame psiquiátrico. Acker apresenta, parece-lhe, tendências suicidárias.

Malcolm McIntyre, de 27 anos britânico, declarou ter sido en-

ganado. Não queria, em nenhum caso, ir para Angola. Tinha-se alistado para ser enfermeiro no Zaire.

Cecil Martin Fortuin, de 31 anos, britânico, declara igualmente ter sido enganado. Tinha sido engajado como guarda-costas do agente recrutador de mercenários, em Londres, John Banks. Era aterrorizado por Callan.

Kevin John Marchant, de 25 anos britânico. Não sabia mesmo onde era Angola. Não sabia que havia guerra. Pensava ser instrutor das tropas da FNLA no Zaire.

Michael Douglas Wiseman, de 27 anos, britânico, afirmou igualmente ter sido como «um soldado» e comportou-se como tal. Declara não ter morto ninguém. Pensava ser instrutor.

John Lawlor, 23 anos britânico. Declarou ter-se comportado como um soldado, «porque pensava estar ao serviço de um exército regular. Não matei civis», disse ao Tribunal.

Colin Clifford Evans, de 28 anos, britânico, sabia que ia para Angola, mas pensava ser monitor de conduta nas tropas da FNLA.

John James Nammock, de 20 anos irlandês, é o mais jovem dos mercenários. Declarou que não queria ir para Angola e que pensava ficar no Zaire.

O NOSSO GOVERNO CONDENA O MASSACRE DO SOWETO "RESPONDER À VIOLÊNCIA DOS RACISTAS COM A VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA"

«O nosso Governo condena energicamente o acto brutal contra os nossos irmãos de Soweto, pelos racistas da África do Sul, que praticaram mais uma vez um crime hediondo contra a África e a Humanidade progressista», afirmou o camarada Victor Saúde Maria, membro do CEL e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, à partida para a Ilha Maurícia, onde tomará parte na 27.ª sessão ordinária do Conselho de Ministros da OUA.

A reunião prepara a cimeira dos Chefes de Estado, que terá lugar no dia 10 de Julho, na

mesma ilha. A sessão ministerial tem um programa de trabalho sobrecarregado e os principais pontos que nele figuram são: a situação na África Austral, a situação nas Ilhas Comores, a situação em Djibouti e a situação do Sahara Ocidental, que foi recomendada pela última reunião do Comité de Libertação da OUA, realizada em Dar-Es-Salam.

O camarada Victor Saúde Maria sublinhou ainda que «esta reunião procurará reforçar a ajuda que a OUA tem dado aos movimentos de libertação do

Zimbabué, Namíbia e África do Sul, pois eles agora intensificaram a luta contra os regimes minoritários e, consequentemente, precisam de mais auxílio, para poderem fazer face à violência dos racistas, e para responderem com mais eficácia a essa violência, com a violência revolucionária».

O Comissário dos Negócios Estrangeiros é acompanhado pelos camaradas José Turpin, membro do CSL e secretário-geral do Comissariado dos Negócios Estrangeiros, Abubacar Turé, director dos Organismos Interna-

cionais, Jurídicos e Consulares, e Cândido Monteiro, director da Divisão África, Ásia e Oceânia.

A fim de participar na sessão, seguiu no mesmo avião, a delegação da República irmã de Cabo Verde, que é chefiada pelo camarada Abílio Duarte, membro do CEL e ministro dos Negócios Estrangeiros, e da qual fazem parte os camaradas Adão Rocha, director da Cooperação Internacional, António Monteiro Lima, chefe de departamento da Divisão África, Ásia e Caldeira Marques, membro da Comissão Nacional da Justiça.



Ligar a

O internato Máximo Gorki instalado em Dezembro do ano passado, a reciclagem de professores criados no nosso país.

«Um professor não tem que ser perfeito, mas precisa o director do internato de «Nô Pintcha», a integrar na vida dos alunos».

Apresentamos hoje a segunda parte do internato Máximo Gorki, que foi publicado no número anterior.

É assim que nos aparecem os professores como responsáveis da Biblioteca, da Formação Política, da Educação Sanitária, do controlo de combustível nas viaturas, da conservação dos carros, da agropecuária, dos armazéns, da energia eléctrica e da ligação entre a escola e as tabancas.

«Em muitos aspectos, adaptámos à nossa situação as estruturas da Escola Piloto. Noutros ti-

I.T.F.P.

Formar no país os nossos técnicos e especialistas

O Instituto Técnico de Formação de concepção, experimentação política nacional de formação dos resultantes do desenvolvimento.

Estes são os dizeres do projecto sariado da Educação divulgado que se explicava resumidamente a «Nô Pintcha», para dar maior futura criação de tal Instituto, organização do projecto, o pro-

«A ideia da criação deste Instituto surgiu a partir da O.I.T. (Organização Internacional do Trabalho), através de uma das secções do Bureau Internacional do Trabalho, que nos quis ajudar no sentido de formação de operários a vários níveis. O que se pretende é montar um Instituto Técnico aproveitando as estruturas com vista a começarmos a formar de facto os nossos operários, dentro do país».



NO INTERNATO DE CÓ

jovens da JAAC. de Pilom de Riba, encontrava-se a prestar trabalho voluntário na escola, juntamente com os trinta alunos do Centro e alguns professores primários. Lá se encontravam também os camaradas Mário Cabral e Domingos Brito, respectivamente Comissário e Secretário da Educação Nacional e Cultura.

O Internato bem necessita da contribuição voluntária da população. Como é característico de um país que acaba de despontar de uma longa guerra imposta pelos colonialistas portugueses, as dificuldades fazem-se sentir naqueles pavilhões de onde o exér-

as populações locais.

O estado das instalações é precário. É urgente a colocação de novos zínco nas alagadas, principalmente nas que abrigam a cozinha e o refeitório, pois os que ali se encontram estão enferrujados e a cair. Com a época das chuvas, esta substituição é imperiosa. Além disso, todo o complexo exige reparações internas.

Muitos melhoramentos foram já efectuados desde o fim do ano passado, graças ao esforço empreendedor de professores e alunos. No início, não havia camas, nem luz, nem água, enfim faltavam as condições mínimas para o funcionamento do Internato. Hoje, continua a verificar-se falta de água, por ausência de reparação da canalização, o que é um problema grave, que está em vias de resolução, graças à colaboração do comité de

Estado local e das populações em geral.

Enquanto não tinham carro, os habitantes do Internato eram obrigados a deslocar-se em «candongadas» (alugueres mistos), para Cantchungo, Bissau, etc. O tempo perdido e o desgaste físico eram consideráveis. Enquanto não havia instalação de luz, iluminavam-se a «petromax» e a velas, mesmo durante o estudo nocturno.

A resolução destes problemas num curto espaço de tempo faz com que a população do Internato de Có não perca a esperança de ver resolvido os restantes. É que ali confia-se nas próprias forças e confia-se na ajuda das populações. «Enquanto existirem problemas não podemos ficar parados». Esta frase, pronunciada pelo director do Internato Máximo Gorki, resume a força que se verifica ali dentro.

escola às populações

ki, em Có, nos arredores de Bula, o passado, é o primeiro centro de ado depois da libertação total do

apenas como tarefa dar aulas», to, camarada Jorge Ampa à reportagem que «ele precisa de se

nda parte da reportagem feita em rki, tendo o início deste trabalho terior.

vemos que inventar segundo as realidades encontradas», explicou-nos o director.

LIGAÇÃO DA ESCOLA COM AS POPULAÇÕES

Como se verifica a ligação entre o Internato Máximo Gorki e a população local?

Segundo nos foi explicado, frequentemente elementos da escola realizam sessões de es-

clarecimento junto da população. O contacto permanente com as massas camponesas faz parte da formação didáctica dos professores. Eles devem conhecer a fundo as suas realidades e transmitir-lhes a ideologia do PAIGC. Quanto ao contacto com a massa juvenil local, é feito através da organização da JAAC.

O Internato espera ver concretizada a promessa que lhe fez a C.U.P. (Cooperativa Nacional Unidade e Progresso) quanto à reparação de canalizações, a fim de se poder avançar com a agropecuária.

A ligação da escola com as populações faz-se ainda através das jornadas de trabalho voluntário. No dia em que visitámos aquele estabelecimento de ensino, um grupo de vinte e cinco

cito colonial partiu para praticar actos de barbaridade contra



operários especializados

mação Profissional é um organismo de formação e assistência, de uma profissional adaptada às necessidades da Economia Nacional. O preâmbulo de um texto do Comissário no princípio deste mês, no qual se vai ser o I.T.F.P. Pelo que se sabe, a informação detalhada acerca da formação de operários especializados e operários qualificados, a curto prazo, e a formação de técnicos a nível médio, num período a longo prazo. Isto é, no primeiro caso serão divididos em cursos de dois anos: no primeiro ano, para a formação de operários especializados nos sectores de Mecânica, de Electricidade e de Comércio, e, no segundo ano, para a formação de operários qualificados, portanto, já com um conhecimento de base mais amplo nesses três campos.

Conforme as conclusões tiradas da conversa que tivemos, o funcionamento daquela instituição ainda está em projecto. «Este Instituto, prosseguiu o camarada Armindo Handem, terá como objectivo principal a formação de operários especializados e operários qualificados, a curto prazo, e a formação de técnicos a nível médio, num período a longo prazo. Isto é, no primeiro caso serão divididos

em cursos de dois anos: no primeiro ano, para a formação de operários especializados e operários qualificados, a curto prazo, e a formação de técnicos a nível médio, num período a longo prazo. Isto é, no primeiro caso serão divididos em cursos de dois anos: no primeiro ano, para a formação de operários especializados nos sectores de Mecânica, de Electricidade e de Comércio, e, no segundo ano, para a formação de operários qualificados, portanto, já com um conhecimento de base mais amplo nesses três campos.

Aquilo que nós chamamos de operário especializado, vai ser, por exemplo, a mecânica de base, por outras palavras, ter aquele conhecimento sustentáculo para depois se tirar qualquer um dos outros ramos dos sectores indicados.

Como cada curso é uma família de vários ramos de especialidades, mais tarde, a diversificação ou criação de uma especialização de vários ramos, dentro do sector da Mecânica,

por exemplo, vai depender das nossas necessidades e desenvolvimento económico, consoante as necessidades do País.

Qual é a condição necessária aos alunos para o ingresso ao Instituto?

«Será exigido o 3.º ano do curso geral (antigo 5.º ano dos liceus), porque para fazer qualquer curso técnico-profissional, é necessário ter-se algum conhecimento de base».

Quanto à nossa pergunta se os alunos da Escola Técnica terão algumas preferências pelo facto de já terem adquirido uma certa preparação inicial nos cursos, aquele professor explicou que «de facto, deveríamos como se prevê, dar-lhes preferência. Mas, por enquanto, nós ainda não definimos a posição dos alunos quanto ao seu recrutamento para o Instituto. Só que qualquer aluno com as habilitações solicitadas pode ingressar no Instituto».

A que professores serão entregues a formação de alunos estágios? Haverá necessidades de

recrutar instrutores doutros países?

«Este é o maior problema que temos neste momento, o de mobilização de instrutores. Em princípio não contamos com professores contratados do estrangeiro, porque os instrutores que vamos utilizar, vão receber formação, eles próprios, dentro do Instituto, por um grupo de técnicos da O.I.T. que nos transmitirão as suas experiências enquanto cá estiverem. Neste sentido, convinha-nos ser pessoas nacionais, para que possam vir a ser aproveitados mais tempo».

No que se refere aos futuros instrutores, é-lhes exigido apenas o 3.º ano do curso geral técnico (Montador-Electricista, Serralheiro Mecânico e Administração e Comércio), e com pelo menos um ano de prática profissional, pois serão depois submetidos a um estágio.

«É a condição mínima que exigimos, diz ele, porque todos os quadros de nível com conhecimentos científicos mais elevados,

neste momento, estão enquadrados nos vários sectores da economia do nosso país».

O professor Armindo apontou-nos o número de inscrições para instrutores: apenas sete em Mecânica, três em Electricidade e um no Comércio, quando se necessita mais do que isso. A data limite, para as inscrições, é de 3 de Julho próximo. E disse para terminar:

«No primeiro projecto que tinha sido feito, previa-se para a Mecânica, seis mestres para a Electricidade, também seis, e para o Comércio, quatro. Mas viu-se a necessidade da sua alteração e fez-se um novo projecto, ainda em estudo pelo nosso Governo, no qual pretendemos dispor de quinze mestres para cada um dos sectores.

No primeiro caso, prevíamos a inscrição de 45 alunos no Instituto, ao todo, mas neste momento ainda não está claro o número aproximado de alunos, porque depende tudo da assinatura do projecto pelo Governo».

TAÇA DOS VENCEDORES, EM FUTEBOL

Kaloum Star eliminado

DAKAR (AFP) — O «Tonnerre» de Yaoundé classificou-se para as meias finais da «Taça Africana dos Vencedores das Taças» em futebol, ao bater no segundo desafiado disputado no domingo passado em Conakry, o «Kaloum Star», por duas bolas a uma. No fim da primeira parte empatavam a uma bola.

Segundo a Rádio Conakry, cap-

tada em Dakar, a equipa dos Camarões mereceu amplamente a sua vitória, pois ela dominou a equipa guineense em todos os compartimentos do jogo. Ela abriu o activo aos 25 minutos, por intermédio de Roger Pierre, e não cessou de ameaçar a equipa da casa durante toda a partida. Depois dos guineenses estabelecerem a igualdade, aos 30 minutos, por intermédio de Aly Syllá, na transformação de um penalty, o mesmo Rober Pierre elevou a contagem para dois a um a favor do «Tonnerre» de Yaoundé cinco minutos depois do começo do segundo tempo.

No desafio anterior, as duas equipas tinham empatado a duas bolas.

VITA CLUB, 3

UNION SPORTIVE, 3

DAKAR (AFP) — O «Vita Club» do Zaire e «L'Union Sportive» de Goree empataram a três bolas no último desafio a contar para os quartos de final da «Taça Africana dos Vencedores das Taças» em futebol. No fim da primeira parte, duas bolas a uma a favor dos zairotas.

O «Vita» qualificou-se assim para disputar as meias finais, porque tinha ganho no desafio anterior, realizado em Kinshasa, a equipa senegalesa, por duas bolas a zero.

Conversações Guiné-Bissau-Portugal

(Continuação da 1.ª página)

O ministro da Guiné-Bissau, escusou-se a revelar o teor dos acordos que hoje serão assinados entre o seu país e Portugal, fazendo notar, no entanto, que as negociações decorreram da melhor forma, dentro dum «espírito de cordialidade e franqueza».

Anteriormente Vasco Cabral fizera uma descrição da actual situação política e económica da Guiné-Bissau, bem como as dificuldades que se deparam aos seus dirigentes para a resolução dos diversos problemas.

O ministro da Guiné-Bissau revelou que a tarefa principal que se impunha ao seu Governo, após a tomada do poder político, é a da reconstrução económica, no sentido de se alcançar a independência neste domínio. Disse então Vasco Cabral, que a principal dificuldade se situava no planeamento da economia,

em virtude da situação legada do colonialismo, nomeadamente a agricultura mal aproveitada e a inexistência de qualquer indústria.

Não obstante os problemas de vária ordem, Vasco Cabral mostrou-se convicto de que o objectivo da independência económica seria atingido, «embora não seja obra duma geração. Porém — adiantou — cabe a nós, os da geração de Amílcar Cabral, criar as condições para que isso suceda».

À conferência de Imprensa estavam presentes, para além de Vasco Cabral, o embaixador da Guiné-Bissau, em Lisboa, Júlio Semedo, o embaixador de Cabo Verde, Cursino Fortes, o secretário da embaixada de S. Tomé e Príncipe, além de Alfredo Fortes, da delegação guineense às negociações com Portugal, o presidente da Associação dos Cabo-verdianos e dos Guineenses.

FARP que combateram ao lado das FAPLA regressaram ontem de Angola

(Continuação da 1.ª página)

rrior do nosso Partido e Governo se tinha deslocado àquele país irmão para, ao lado das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, as FAPLA, defender a independência e soberania nacionais daquele país irmão vítima da agressão imperialista levado a cabo pelo regime racista da África do Sul e pelas forças inimigas da libertação da África.

As nossas F.A.R.P., no prosseguimento de mais uma missão de solidariedade combativa, souberam cumprir a palavra de ordem que lhes foi dada pelo nosso Glorioso Partido.

Rendemos, pois, homenagem aos nossos valorosos combatentes que, não se poupando a sacrifícios, se bateram com coragem e heroísmo ao lado das FAPLA, pela libertação total e completa do solo angolano.

Viva o PAIGC!
Viva o MPLA!

Viva a solidariedade combativa entre as Forças Armadas Revolucionárias do Povo e as Forças Armadas de Libertação de Angola!

Amanhã à noite Bissau - interior

Amanhã à noite, pelas 21 horas, no Estádio «Lino Correia», em Bissau, defrontam-se as selecções de Bissau e do interior, em futebol. Esta partida, que será entre jogadores que tomaram parte no campeonato nacional de futebol, é a segunda entre selecções, organizada pela sub-comissão financeira da Comissão Nacional das Comemorações do XX Aniversário do PAIGC.

Este jogo é de maior envergadura que o anterior, que pôs a frente as selecções do Leste e do Oio.

TERMINOU A VIAGEM DO MINISTRO DA DEFESA AMERICANO EM ÁFRICA

BRAZZAVILLE (TASS) — Segundo informações provenientes de Kinshasa, o ministro da Defesa dos Estados Unidos, Rumsfeld, acabou a sua visita ao Zaire. O chefe do Pentágono, que visitou a África, teve negociações com o Presidente Mobutu Sese Seko e outras personalidades oficiais sobre «cooperação militar».

A opinião africana viu na «tourné» do continente negro do ministro da Defesa americano a realização da «nova linha» visando defender os interesses estratégicos e económicos dos Estados Unidos na África, linha proclamada pelo Secretário de Estado, Henry Kissinger.

Rumsfeld chegou ao Quênia e ao Zaire ido de Bruxelas onde a conferência dos leaders da NATO tinham examinado, entre outros, os planos do reforço das posições do Ocidente capitalista em África.

O objectivo imediato da visita de Rumsfeld era voltar a encorajar os «amigos» dos Estados Unidos e de reforçar as suas posições. Em Nairobi, assinou um acordo sobre entrega de armas americanas ao Quênia num montante de 75 milhões de dólares. E o maior mercado sobre venda de armas foi até hoje concluído pelos Estados Unidos com um país africano, sem contar o regime de Pretória, suablinha a Imprensa.

Segundo as agências estrangeiras, o Pentágono empenhou-se em aumentar este ano a sua ajuda militar ao Zaire, em 50%. Os Estados Unidos vão ajudar este país a «criar um exército moderno», e vão-lhe fornecer os meios logísticos necessários.

A julgar pela actividade febril desempenhada nestes últimos tempos pela diplomacia dos Estados Unidos em África, os meios dirigentes americanos pensam numa nova contra-ofensiva imperialista em África, com o objectivo de se mear a discordância entre os membros da OUA, de criar novos focos de tensão no continente e salvar assim os últimos bastiões do colonialismo e do racismo.

Para camuflar esta estratégia expansionista, o chefe do Pentágono tem recorrido a um sistema clássico. A propaganda anti-soviética e anti-comunista. Procura convencer, especialmente, os africanos que não são os Estados Unidos, mas a União Soviética e os outros países socialistas que procuram impôr o seu «diktat» à

África. Entretanto, é uma manobra torpe dos meios imperialistas americanos de justificarem a sua participação nas acções sangrentas dos racistas no sul do continente, de enfraquecer a indignação da opinião africana do acordo concluído recentemente sobre a venda de centrais nucleares aos racistas de Pretória e, sobretudo, do próximo encontro de Kissinger com o chefe do regime do «apartheid», Vorster.

Segundo os observadores, o recrudescimento das acções subversivas dos destacamentos dos grupos divisionistas da FNLA e da UNITA em Angola, comandadas pelos agentes pagos pela CIA, Roberto e Savimbi não é uma simples coincidência com a viagem do chefe do Pentágono. Recentemente, o Senado americano decidiu demonstrativamente excluir o projecto de lei sobre a ajuda aos países estrangeiros de 35 milhões de dólares destinados aos países membros da OUA no sul de África, que lutam contra os regimes racistas. Em Soweto, os racistas sul-africanos utilizaram armas fabricadas nos Estados Unidos e nos outros países da NATO contra os africanos que protestavam contra o regime do «apartheid».

Estes factos atestam claramente que as últimas acções empreendidas em África pelo imperialismo americano não fazem mais que agravar a tensão e, põem em perigo a paz nesta parte do mundo.

Pequenos anúncios

MUDANÇA DE NOME

Nos termos do n.º 1 do artigo 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que Mussá Saaná, solteiro de 23 anos de idade, empregado bancário, natural de Bissau, filho de Caibara Sanhá e de Mariama Sanhá, residente nesta cidade na Avenida Unidade Guiné-Cabo Verde, requereu a alteração da composição de seu nome fixado no assento de nascimento para Mussá Caibara Sanhá.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio.

Cooperação com o Brasil

(Continuação da 1.ª página)

mação e Turismo, e da Energia, Indústria e Hidráulica, receberam a delegação brasileira, que travou conversações com uma representação de diversos departamentos do nosso Estado, dirigida pelo camarada Avito Silva, secretário-geral do comissariado da Agricultura e Pecuária. Ao concluir os trabalhos, as duas delegações «exprimiram a sua satisfação com o ambiente de franco entendimento e de amizade que caracterizou as reuniões, bem como se felicitaram com os resultados alcançados, que forneceram elementos valiosos para a intensificação da cooperação entre os dois países, tendo em vista um mútuo benefício», lê-se no documento assinado no final das conversações.

A delegação brasileira apresentará ao seu Governo uma série de propostas concretas com o Governo do nosso país, nos sectores da agricultura e pecuária (produção leiteira e de carne, suinicultura, cultivo do arroz, milho, feijão e soja, fruticultura, café, extensão rural, laboratório de solo e patologia animal), energia, comércio, educação, saúde (possibilidade de envio de medicamentos, vacinas e, provavelmente, médicos e livros técnicos), comunicações (telecomunicações, radiodifusão, serviços postais) e transportes.

DOS LEITORES

CONDENEMOS OS CRIMES DOS RACISTAS

Do nosso leitor João Capristano Furtado recebemos a seguinte carta acerca dos acontecimentos sangrentos registados nos últimos dias na África do Sul:

«O mundo inteiro e a África em particular estão indignados com os crimes perpetrados pela polícia sul-africana armada pela maior potência imperialista do mundo e pelos seus lacaios do chamado mundo ocidental.

Os crimes destes últimos dias, consumados em Soweto e na periferia das principais cidades dos criminosos racistas sul-africanos vem demonstrar ao mundo e aqueles que lhes fornecem as armas mais sofisticadas, os seus erros políticos de mentira e o seu desprezo mais que evidente pelos africanos e negros em geral.

Enquanto centenas de mortos e milhares de feridos adolescentes tombam nesta parte de África, nenhum governo estadista do chamado mundo ocidental se levanta, por palavras ou por actos, para condenar o famigerado Vorster e sua camarilha por tão odiosos crimes, em pleno século XX. Não o condenam porque de antemão aconselharam, armaram e instruíram Sul para tal.

Mas acontece que o mundo progressista, o verdadeiro mundo livre, incluindo a África verdadeiramente livre e progressista e os próprios países que ainda não são independentes, se levantam tanto por actos como por palavras para repudiarem tal estado de coisas, convencidos mais do que nunca de que o imperialismo não se derrota com palavras, mas sim com balas.

A África e as nações progressistas de todo o mundo não devem ficar indiferentes ao encontro do palhaço Vorster e o caixeiro viajante do crime, Kissinger, na Alemanha.

Os imperialistas sabem que os seus dias estão contados na África Austral. Ávidos de lucros e exploração, esquecem-se de Saigão, de onde fugiam como ladrões que são, como carneiros içados para o abate; esquecem as cenas dos helicópteros sobre os grandes prédios de Saigão, onde taparam a cara com as mãos com medo das balas libertadoras e dos foguetes vitoriosos. Esquecem-se da Baía dos Porcos, de Angola, dos mercenários a serem julgados em Luanda, do PAIGC, do MPLA, da FRELIMO, das derrotas infligidas por estes aos seus lacaios colonial fascistas.

O Presidente Ford, esse, não esqueceu de certeza, tanto que recentemente deu luz verde ao seu caixeiro viajante para fazer sair do Líbano «de qualquer maneira» não em helicópteros como em Saigão, mas em camiões, os seus 1453 «coronéis Callans», dos 8 mil de meses antes urdiram e tramaram a morte de milhares de nossos irmãos libaneses.

E, para reavivar a memória dos imperialistas de que, do contrário, a sim lhes sucederá, vai Vorster com o atrelado de vítimas inocentes, que nada mais fizeram do que reclamar a liberdade na sua própria terra, entregar ao caixeiro viajante Kissinger de presente e dizer-lhe da parte das Nações africanas verdadeiramente livres e progressistas que tais crimes jamais poderão ficar impunes.

LÍBANO

O PRIMEIRO CONTINGENTE DE "CAPACETES VERDES" CHEGOU A BEIRUTE

BEIRUTE (A F P) — Um batalhão líbio chegou ontem ao fim da manhã ao aeroporto de Beirute, vindo do sul do Líbano. A entrada das tropas líbias no aeroporto, sob o controle das forças pró-círias, desenrolou-se sem incidentes.

O batalhão líbio, que viajou a bordo de um longo comboio de camiões, era o primeiro contingente dos «capacetes verdes», que a Liga Árabe tinha decidido enviar para o Líbano, em 10 de Junho último.

O batalhão estava acompanhado por um batalhão sírio. Este primeiro contingente de «capacetes verdes», líbios e sírios, compreende um milhar de homens. Ele tem por missão permitir a reabertura rápida do aeroporto. Numa conferência de imprensa dada anteontem, Mahmoud Riad, Secretário-Geral da Liga Árabe, não precisou qual seria o efectivo total destes «capacetes verdes» que dependerão da autoridade da Liga.

O comandante Abdel Salam Jaloud, Primeiro-Ministro Líbio, confirmou ontem no início da tarde a entrada em vigor de um acordo entre, por um lado, a resistência palestina e o movimento nacional libanês, e, por outro lado, os sírios, sobre uma retirada parcial das forças sírias nas regiões de Beirute e Saida e de Sofar (na estrada Beirute-Damas na montanha libanesa). O acordo, acrescentou o comandante Jaloud, prevê igualmente a solução de alguns pontos «a fim de fazer reinar novamente a paz».

FRENTE POLISÁRIO

CONFIRMADA A MORTE DE EL OUALI

* MAHFOUD LAROUCSI É O NOVO SECRETÁRIO-GERAL

ARGEL (AFP) — A Frente POLISÁRIO confirmou ontem a morte do seu Secretário-Geral, Sayed El Ouali.

O comunicado da POLISÁRIO afirma que El Ouali não encontrou a morte quando do ataque pelo movimento sahariano a Nouakchott, mas na altura em que se encontrava numa base aérea, situada a mais de 300 quilómetros de Marrocos.

Segundo a Frente, é Mahfoud Laroussi, o adjunto de El Sayed El Ouali, cuja morte tinha sido igualmente anunciada pelos mauritanianos quando do ataque a Nouakchott, que assegurará o secretariado-geral da POLISÁRIO.

O novo secretário-geral da Frente POLISÁRIO será designado quando da realização do Congresso Popular sahariano, que será fixado posteriormente.

«Afirmamos firmemente a todos os irmãos, amigos, nacionalistas e revolucionários, que a Frente Popular para a Libertação de Sa-

ONU: CONDENAÇÃO VIGOROSA DOS RACISTAS DA R. S. A.

O Conselho de Segurança exige o termo da violência contra africanos, do "apartheid" e da discriminação racial

Entretanto, nos incidentes de ontem, perto de Joanesburgo e de Pretória, morreram 2 negros na cidade de Mabopane, a cerca de 34 quilómetros a noroeste da capital.

Vários estudantes ficaram feridos quando a polícia abriu fogo sobre os manifestantes que assaltaram um estabelecimento de bebidas alcoólicas, também em Mabopane. Referindo-se a este novo surto de distúrbios, Prinsloo acrescentou que «não agiremos com franqueza», e que as manifestações junto de Pretória seriam tratadas do mesmo modo que as da semana passada perto de Joanesburgo.

(AFP) — As primeiras vagas de frio do Inverno austral abateram-se no passado domingo de manhã sobre as cidades negras parcialmente devastadas por três dias de tumultos sangrentos nos grandes subúrbios de Joanesburgo.

Depois de uma noite sem incidentes, a calma que voltou desde o passado sábado de manhã às oito reservas negras que abrigam cerca de dois milhões de habitantes no Witwatersrand, continua a reinar.

O balanço exacto das vítimas — mais de cem mortos e um milhar de feridos — ainda não foi confirmado oficialmente. Mas os danos materiais, cuja amplitude se começa a medir, ultrapassam vários milhões de rands (1 rand=1,15 dó-

lar ou 5,35 frs). Só na aglomeração de Soweto, a metrópole negra de Transval onde um milhão de trabalhadores e suas famílias vivem em condições extremamente modestas, até mesmo primitivas, em casinhas construídas com solidez mas cujo conforto deixa muito a desejar.

Estas habitações miseráveis foram relativamente pouco tocadas pelos tumultos. Mas os serviços públicos e o sistema de abastecimento deste imenso «gheto», assim como a sua rede de comunicações suburbanas estão praticamente desmanteladas.

A situação é idêntica no burgo africano de Alexandra. (60.000 pessoas — 25 mortos na sexta-feira) — ao lado dos luxuosos bairros norte de Sandton, Inanda e Morningside — em Tembisa — perto das fábricas de aviação de Kempton Park — em Kagiso — perto de Krugers — Dorp em Kattlehong no arredor sul, e até aos longínquos bairros de lata negros de Springs, eles também atingidos, na passada sexta-feira pelo abraço do Witwatersand. Perto de Empangeni — ou o Natal «branco» a universidade — foi fechada por um período indeterminado e os seus 1500 estudantes negros que se tinham sublevado ao sinal de Soweto, foram mandados para casa.

MAPUTO (TASS) — Vorster, o cabeçilha do regime racista da RSA, deixou Joanesburgo com destino a RFA, onde ele terá um encontro com os diplomatas sul-africanos acreditados nos países da Europa ocidental. Fez-se saber que os diplomatas serão encarregados de agir para reforçar a cooperação, para o essencial militar, com os países membros da NATO a fim de enfrentar o movimento de libertação nacional que vai crescendo no sul do continente.

No entanto, a viagem será dominada pelas conversações com o Secretário de Estado americano Henry Kissinger, que terão lugar de 23-24 de Junho. O Primeiro-Ministro da África do Sul conta que este encontro ajudará a África do Sul a romper de qualquer modo o isolamento internacional. Ele espera, por outro lado, obter um apoio mais importante da parte dos seus protectores americanos.

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

NAÇÕES UNIDAS (AFP) — O Conselho de Segurança adoptou no passado sábado a tarde por um «consenso unânime por ter recorrido a violência e ao assassinio na repressão dos sublevamentos que tiveram lugar na periferia de Joanesburgo.

Este projecto de resolução foi emendado no seu preâmbulo de maneira a mencionar um telegrama dirigido ao Secretário-Geral das Nações Unidas pelo Presidente Didier Ratsiraka pedindo-lhe que convocasse com urgência o Conselho de Segurança. Neste telegrama datado de 18 de Junho, o Presidente Ratsiraka preconiza que o Conselho de Segurança peça aos países desenvolvidos que cessem imediatamente e incondicionalmente toda a assistência económica e militar à África do Sul.

Eis o texto do projecto de resolução submetido ao Conselho de Segurança sobre a situação na África do Sul.

«O Conselho de Segurança, tendo examinado a carta dos representantes do Benin, da República Árabe Líbia e da Tanzânia redigida em nome do grupo africano da ONU respeitante às medidas de repressão, incluindo os assassinios gratuitamente perpetrados, aos quais se entregou o regime do «apartheid» na África do Sul contra africanos em Soweto e algures na África do Sul.

Profundamente chocado perante a quantidade dos mortos e dos feridos africanos na África do Sul a seguir às fusiladas dirigidas sem piedade sobre os africanos, incluindo estudantes e escolares que manifestavam contra a discriminação racial em 16 de Junho».

«Convencidos que esta situação foi suscitada pelo «apartheid» e a discriminação racial e pelo desprezo das resoluções do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral,

1) — Condena enérgicamente o governo sul-africano por ter recorrido à violência massiva e as matanças aos africanos incluindo escolares, estudantes e outras pessoas opostas à discriminação racial.

2) — Exprime as suas profundas condolências pelas vítimas de tamanha violência.

3) — Reafirma que a política de «apartheid» é um crime contra a consciência e a dignidade do género humano e constitui um grave perigo para a paz e a segurança.

4) — Reconhece a legitimidade da luta do povo sul-africano para a eliminação do apartheid e da discriminação racial.

5) — Exige imediatamente ao governo sul-africano que ponha termo com urgência às suas violências contra os africanos e que tome urgentemente medidas destinadas a eliminar o «apartheid» e a discriminação racial.

6) — Decide permanecer atento ao desenrolar dos acontecimentos.

A OPINIÃO PÚBLICA MUNDIAL CONDENA A REPRESSÃO SANGRENTA

MOSCOVO (TASS) — A sangrenta repressão na África do Sul é o centro da atenção e da opinião mundial e ela é condenada vigorosamente no mundo inteiro.

Em Nova York logo se foi conhecida a notícia da repressão sangrenta desencadeada pelos racistas, a opinião negra e as forças progressistas dos E.U.A. condenaram vigorosamente as acções das autoridades da África do Sul, que procuravam a morte de inocentes, e exigiram que se ponha termo imediatamente a política vergonhosa do apartheid e da discriminação racial.

O padre americano Jessi Jackson, representante bem conhecido do movimento para os direitos cívicos, apelou o governo dos Estados Unidos para edigar aos meios racistas sul-africanos que terminem essa efusão de sangue absurda e ele sublinhou a necessidade de rever a política dos E.U.A. para com a África do Sul, governada pela minoria branca.

BRAZZAVILLE (TASS) — «Estou convencido que uma nova era de amizade e de cooperação se abre nas relações entre os nossos países» — declarou Manuel Pinto da Costa, Presidente da República Democrática de São Tomé e Príncipe. Falava numa cerimónia de entrega das credenciais pelo embaixador soviético, Evgueni Afanasenk. «A URSS concedeu o seu apoio à população de São Tomé e Príncipe na sua luta contra a dominação colonial e exploração. Eis porque consideramos a vitória alcançada a 12 de julho de 1975 pelo nosso povo, como sendo a vitória do povo soviético e de todos os países que lutam pela liberdade e o progresso social. O estabelecimento de relações diplomáticas, sublinhou o Presidente, reforçará ainda mais os laços de solidariedade e de amizade que existem entre os nossos povos».

SEYCHELLES INDEPENDENTE

SEYCHELLES (AFP) — Os preparativos para as cerimónias da independência de Seychelles atingem o seu fim 10 dias antes da proclamação da independência do arquipélago. De facto, a 28 de Junho próximo será hasteada pela primeira vez no céu do Oceano Índico, na presença do duque e da duquesa de Gloucester, que representam a rainha de Inglaterra, assim como na de numerosas delegações estrangeiras, a bandeira de Seychelles, azul, vermelho e branco.

MERCENÁRIOS PARA A NAMÍBIA

MAPUTO (TASS) — Muller, um dos chefes dos mercenários brancos, culpado de numerosos crimes cometidos no antigo Congo-Belga apareceu de novo em África. O jornal «Notícias» publicado no Maputo, indica que Muller está em vias de formar um destacamento de mercenários recrutados entre os habitantes da Namíbia, de origem alemã. Este destacamento, ele conta utilizá-lo contra os patriotas da Namíbia que lutam contra os ocupantes sul-africanos.

TERMINOU A CONFERÊNCIA SOBRE O EMPREGO

GENEVA (TASS) — A conferência mundial para os problemas do emprego, da partilha das receitas, do programa social e da divisão internacional do trabalho, que se realizou desde 4 de Junho, terminou na sexta-feira os seus trabalhos com o voto da «declaração de princípios» e do «programa de acções», tendo em vista resolver os problemas discutidos pelos delegados. A conferência foi convocada por iniciativa das União dos Sindicatos dos países do Ocidente e dos países em vias de desenvolvimento. Esta iniciativa foi apoiada pelos estados socialistas. Os representantes de governos, sindicatos e trabalhadores de 132 países membros da OIT, de diferentes organizações internacionais e, em particular, da Federação Sindical Mundial, tomaram parte nos trabalhos.

ELEIÇÕES EM ITÁLIA

ROMA (AFP) — As operações de voto para a renovação italiana, 41 milhões de eleitores, com a idade mínima de 18 anos, votarão para renovar a câmara dos Deputados e 25 milhões dentre eles, com mais de 25 elegerão os senadores.

ARGÉLIA: CONSTITUIÇÃO ESTE ANO

ARGEL (AFP) — «Antes do fim do ano de 1976 todas as instituições do estado argelino estarão estabelecidas», afirmou o Presidente Boumediene num discurso que pronunciou no sábado à noite na sessão de encerramento da Conferência Nacional dos Quadros que se realizou no Palácio das Nações.

O chefe de estado argelino tinha reunido os quadros da Conferência Nacional na sexta-feira e sábado para dar os últimos retoques no projecto da Carta Nacional, que será proposta no próximo domingo, dia 27, ao sufrágio dos argelinos e argelinas.

A nossa estratégia foi reforçada, e a nossa experiência reafirmada pelo debate sobre a «Carta Nacional». A participação popular na discussão geral antes do voto, num grande debate democrático agrupou mais de 4 milhões de cidadãos e cidadãs. Isto ultrapassou todas as nossas previsões», declarou no sábado à noite o chefe de estado argelino.

Esta «Carta Nacional» traça a história da Argélia, traça o balanço do que se realizou desde a independência e o sobressalto revolucionário de 19 de Junho de 1965 (tomada de poder pelo Conselho da Revolução) e traçou uma perspectiva do que «resta fazer».

«A próxima Constituição da Argélia será essencialmente inspirada na Carta Nacional», anunciou o Presidente que afirmou que «desta discussão aberta — experiência única de democracia popular — a Revolução saiu agora mais poderosa».

«A auto-crítica construtiva, notou o chefe de estado, deve impregnar a nossa acção futura».

O Presidente Boumediene confirmou que antes do fim de 1976, todas as instituições do Estado serão realizadas, o que quer dizer que será elaborada uma Constituição, uma Assembleia Nacional eleita, assim como um Presidente da República argelina.

E em seguida que, provavelmente, se realizará o Congresso do Partido único argelino, a FLN (Frente de Libertação Nacional).

Rumsfeld em África

“Nova linha” para a defesa dos interesses dos E.U.A.

WASHINGTON (TASS) — Donald Rumsfeld, ministro da Defesa dos Estados Unidos, deixou na terça-feira Bruxelas para o Quênia e Zaire. O porta-voz do Departamento de Estado americano declarou que a «visita de Rumsfeld deve ser conservada no contexto das conversações empreendidas pelo Secretário de Estado, Henry Kissinger, assim como no plano de interesses gerais dos Estados Unidos em África».

Nesta óptica, o «New York Times» escreve que o ministro da Defesa dos Estados Unidos propôs-se iniciar negociações sobre os fornecimentos de armas ao Zaire e Quênia. Evocando a ajuda militar americana, a imprensa africana revela o seu carácter ávido e selectivo. Especialmente, os Estados Unidos recusam na aos países independentes que se opõem directamente aos regimes racistas da RSA e da Rodésia do Sul. A ajuda militar americana visa, antes de tudo, defender os interesses estratégicos e económicos dos Estados Unidos em África. O jornal tanzaniano «Sunday News» observou que durante os últimos 20 anos, os Estados Unidos apoiaram, es-

Portugal: a evolução da campanha para as eleições presidenciais

LISBOA (AFP) — A batalha eleitoral que o almirante Pinheiro de Azevedo e o general Ramalho Eanes se entregam há uma semana, tomou o aspecto de um combate singular que eclipsa o debate político em proveito da anedota, mas que poderá acabar por suscitar sérias consequências no seio das Forças Armadas.

A violência verbal dos ataques lançados pelo primeiro-ministro contra o chefe do Estado-Maior do Exército atingiu o cúmulo na sexta-feira à noite na televisão. O ataque do almirante Pinheiro de Azevedo voltou a incidir sobre o passado do seu principal rival, admirando-se de que as Forças Armadas tenham podido escolher de dar a sua caução a um oficial totalmente estranho ao 25 de Abril, enquanto tinham a possibilidade da escolha entre os oficiais resistentes.

O almirante Pinheiro de Azevedo afirmou, por outro lado, que o apoio fornecido pelos maiores partidos ao general Eanes não era mais que o fruto «de combinações de gabinete», que considera inadmissíveis. O primeiro-ministro não se dominou, não deu conta que o tempo de antena que lhe era destinado se tinha esgotado, tendo sido brutalmente cortado no meio de uma frase que queria acentuar bem.

Visivelmente irritado pelos ataques pessoais incessantes do almirante Pinheiro de Azevedo, o general Ramalho Eanes declarou publicamente na sexta-feira que estava pronto a participar numa nova mesa redonda televisada com outros candidatos e que levaria ao primeiro-ministro o desafio de repetir as suas acusações face a face.

O general Eanes acrescentou que «por respeito pela sua própria pessoa», recusava-se a utilizar as mesmas armas que o almirante Pinheiro de Azevedo. Não utilizará mais do aquilo que é do domínio público, e nunca os elementos que as suas funções oficiais lhe permitiram conhecer.

sencialmente, os regimes racistas e coloniais.

A ajuda económica americana à África, considerada no seu conjunto, é tanto quanto discriminatória. Na véspera da partida de Rumsfeld, o Senado americano decidiu suprimir 35 milhões de dólares, destinados à ajuda económica aos países membros da OUA na África Austral, baseada no projecto de lei sobre a ajuda estrangeira. Esta decisão senatorial está em contradição flagrante com as largas promessas de ajuda económica aos países africanos ao sul do Sahara, feitas pelo Secretário de Estado americano durante o seu periplo através desses países, no mês de Maio.

Analisando as visitas de homens políticos americanos em África, nomeadamente, a actual viagem de Rumsfeld, os observadores sublinham que se trata de uma nova tentativa da contra-ofensiva imperialista no continente. O objectivo final desta expansão é dividir os grupos de países membros da OUA, de impedir dentro do possível a luta de libertação nacional no sul do continente, e salvar assim as últimas defesas do colonialismo e do racismo.

Por outro lado, a comissão de apoio à candidatura do general Eanes tentava convidar os resistentes anti-fascistas conhecidos a contestarem publicamente as declarações feitas pelo almirante sobre o seu próprio passado anti-

fascista.

A uma semana da eleição presidencial, o tom dado assim à campanha eleitoral tem, paradoxalmente, relegado para segundo plano a concorrência política deste escrutínio.

Laos: primeiro-ministro Phomvihanh

Os sucessos obtidos em 6 meses atestam o fracasso dos contra-revolucionários

VIENTIANE (TASS) — Kayson Phomvihanh, primeiro-ministro da República Democrática Popular do Laos, pronunciou um discurso perante a sessão da Assembleia Popular Suprema da RDPL que se realizou em Vientiane. Traçando um balanço dos 6 meses da existência do país, declarou que os sucessos obtidos pelo país atestam o fracasso total das manobras da reacção laociana, das forças contra-revolucionárias que se empenham em comprometer o processo das reformas revolucionárias no país.

Kayson Phomvihanh declarou que os trabalhadores do Laos participam activamente na construção de uma vida nova. Milhares de hectares de terra não cultivados desde a guerra, foram lavradas e semeadas pelos camponeses. Os canais e diques são reparados, e estão muitos em construção, o que assegurou uma recolha abundante no país. Os operários e operárias trabalham com entusiasmo nas empresas, dezenas de milhares de refugiados reentraram no país. O poder popular deu-lhes uma assistência substancial para a construção das suas habitações demolidas durante a guerra.

Operários, camponeses e empregados são enviados aos países amigos para fazerem os seus estudos, afim de se formarem quadros qualificados. A escravidão foi abolida. Por todo o sítio são colocados postos sanitários.

Estes últimos 6 meses eram lugar a um desenvolvimento rápido das forças revolucionárias, ao reforço da sua autoridade e a uma maior tomada de consciência das massas. O povo participa com entusiasmo na defesa da segurança do país, na luta contra os inimigos da Revolução, na eliminação das sequelas do regime reaccionário. A frente nacional, baseada na união dos operários e camponeses, reafirmou-se e alargou-se.

O primeiro-ministro do Laos exprimiu um reconhecimento caloroso aos países socialistas irmãos para a assistência material e moral e o seu apoio ao jovem país.

Kayson Phomvihanh exprimiu a sua apreensão acerca da política dos Estados Unidos e da Tailândia vizinha que, segundo a sua expressão, persistem nos seus planos hostis para com a República Democrática Popular de Laos, e

apoiam os reaccionários do Laos na sua luta contra o poder Revolucionário.

Mercenários

Pena anunciada esta semana

(Continuação das centrais) de origem grega), «tinha sido colocado na posição de sub-homem». Teresinha condenou igualmente os governos britânicos e americano «que ajudaram e apoiaram o envio de mercenários e de armas para Angola».

O advogado de McKenzie Soares da Silva, que deixou ao critério do Tribunal a pena a infligir ao seu cliente, sublinhou que este último tinha saído «duma sociedade onde o dinheiro é o essencial».

Mercedo, defensor de Grillo e de McIntyre, pediu, por seu lado, a clemência do Tribunal, declarando que os acusados «pertenciam a uma sociedade decadente mercantil» situando-se também eles próprios na classe dos oprimidos. Condená-los à pena capital, disse em resumo Mercedo, seria negar os próprios princípios da nossa Revolução.

Por fim, Espírito Santo, pediu igualmente clemência para Wiseman Barker, Marchant, Lawlor, declarando que os principais acusados deste processo, «os que têm — disse a responsabilidade moral do crime de mercenariado», não estavam presentes neste processo. Espírito Santo tal como os seus colegas, traçou uma violenta exposição das sociedades ocidentais nas quais os homens vivem «na ignorância, miséria e desensibilização intelectual».

MONGÓLIA: COMUNISTAS EM CONGRESSO

OULAN BATOR (TASS) — o 17.º Congresso do Partido Revolucionário Popular da Mongólia terminou os seus trabalhos, depois de se ter reunido durante 5 dias em Oulan Bator. Os congressistas discutiram e aprovaram o relatório da actividade do CC do Partido, apresentado por Youm Jagiin Sedenbal, primeiro-ministro do CC do PRPM, o relatório de actividade da comissão central de revisão e «As grandes opções da economia nacional e da cultura para 1976-1980».

Yaoum Jagiin Sedenbal foi reeleito para o posto de primeiro-secretário do CC do PRPM. O Comité Central do Partido eleito pelo 17.º Congresso, procedeu igualmente às eleições dos membros do Bureau Político e dos secretários do CC.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

AS ELEIÇÕES EM ITALIA

ROMA (AFP) — O Partido Comunista Italiano, progrediu. Mesmo não parecendo poder roubar o primeiro lugar ao Partido Democrático-Cristão, é o acontecimento maior das eleições legislativas que se desenha claramente através dos primeiros resultados parciais, na noite de ontem. Os democratas-cristãos, que obtiveram a maioria relativa ao Parlamento, permanecerão no poder. Mas não poderão, também, afastar mais facilmente os comunistas, sobretudo, se os outros partidos renovam as suas pressões para se associar a estes últimos, a fim de mobilizar o país inteiro na sua luta contra a crise económica que o devasta. Até à data, a democracia cristã tinha podido facilmente afastar o Partido Comunista da área do poder, baseando-se numa aritmética parlamentar que datava de 1972. Ela não correspondia, portanto, ao poder real adquirido, depois, por este Partido, a todos os níveis de decisão do país, nomeadamente nas eleições regionais de Junho de 1975. Os resultados de

1976 vão pôr termo a esta distinção entre a força parlamentar e a força real do PC e esta última vai poder pesar na formação do governo. Este governo não será mais difícil de formar. Isto será, sem dúvida o 2.º resultado das eleições. Os democratas cristãos (cerca de 39 por cento dos votos) não podem tentar governar sem os socialistas (cerca de 10 por cento). Estes disseram e repetiram ao longo da campanha, que só aceitariam recomeçar a sua cooperação com a DC se os comunistas se associassem. Mas os comunistas (cerca de 34 por cento) disseram que não lhes satisfaria uma simples associação na maioria, e que queriam entrar para o governo. A isso, até à data, a Democracia-Cristã respondeu «não». Se a política fosse só o resultado da aritmética parlamentar, não se via fórmula de governo possível nestas condições. Os italianos vão ter que inventar uma, que nenhuma pessoa ainda previu. Tanto menos que as eleições reduziram de maneira sensível a incerteza da política italiana em proveito dos pequenos partidos. Há uma ameaça que é ao mesmo tempo uma esperança: é que os dois grandes se ponham de acordo durável para afastarem o risco de se defrontarem.